

A JORNADA DE PABLO:

Aventuras na encruzilhada do modernismo



UM CURSO
DE RAFAEL GONZAGA

Aulas Online pelo google meets

Dias 29/11, 30/11, 1/12, 2/12 e 3/12

das 19h às 20:30h

MINICURSO

A JORNADA DE PABLO: AVENTURAS NA ENCRUZILHADA DO MODERNISMO

Apresentação

O minicurso **A jornada de Pablo: aventuras na encruzilhada do modernismo** será uma breve e panorâmica viagem através das páginas do livro *A jornada de Pablo*; percorrendo corredores iluminados, salpicados por esculturas iorubás aprisionadas em redomas de vidros, enfrentando exércitos imperiais e antropólogos inescrupulosos.

O livro infantojuvenil *A jornada de Pablo* conta a história dos jovens Pablo Picasso e Exu, que se embrenham nos mundos fotografados pelo Sr. Picot, que roubou o axé de entidades, esculturas e escravizou o povo iorubá dentro da sua câmera fotográfica. Na trama do livro, Pablo conhece Exu nos corredores do museu particular do Sr. Picot, um velho soldado aposentado do exército imperial francês – que na verdade é uma metáfora para o colonialismo no continente africano no final do século XIX. Pablo e Exu se unem para libertar essas obras das garras do Império, lembrando-as de quem elas são, seus usos e funções em seu local de origem. Para isso, eles têm em mãos um poderoso instrumento: a Bandeja de Ifá, que funciona na trama como uma espécie de contraponto à câmera fotográfica do Sr. Picot.



Serviço

CURSO A Jornada de Pablo - aventuras na encruzilhada do modernismo

Aulas: 5 encontros online pelo Google Meets

Calendário: dias 29/11, 30/11, 1/12, 2/12 e 3/12

Horário: das 19h às 20:30h

Investimento: valor promocional para professores ~~R\$ 332~~ R\$ 299 (10% de desconto!) pagos em até 18x pelo site da [Lyra das Artes](#)

Todos os alunos ganham 30% de desconto para adquirir o livro “[A Jornada de Pablo](#)” (clique para saber mais sobre o livro).

Ementa do curso

O curso ministrado online não é para falar do livro em si, muito menos para fazer propaganda. Os alunos nem se quer precisarão ter o livro em mãos. Ele servirá muito mais como um guia prático de como utilizá-lo em sala de aula em paralelo com outros estudos, pois o livro foi elaborado a partir do doutorado *Arte Africana: invenções* (PUC-SP, 2019), de Rafael Gonzaga. Percorrendo as páginas do livro *A jornada de Pablo* mergulharemos na encruzilhada do século XIX, descrevendo, refletindo e analisando os encontros entre o olhar modernista, com suas qualidades e terríveis defeitos, e a sabedoria tradicional e estética iorubá.

Assim, por exemplo, no primeiro capítulo, em que o jovem Pablo se depara e se encanta com a escultura de Exu, refletiremos de que forma e por qual razão o olhar modernista, no final do século XIX e início do século XX, representava as artes negras como uma espécie de remédio que regeneraria a arte europeia. Essa reflexão terá como fundamento estudos profundos que se debruçaram sobre essa sensível região de encontro, que denomino aqui como encruzilhada, em homenagem à Exu. Livros como *Crítica da Razão Negra* de Mbembe servirão como pressupostos para percebermos como essas relações foram tensas e repletas de contradições.

O conteúdo das aulas, portanto, terá como objetivo, através do livro *A jornada de Pablo*, compreender as relações tensas, intrínsecas, afetivas e hostis entre o olhar europeu e a estética iorubá. Uma relação que não é de mão única, mas preme de violência simbólica, colonialismo, mas também reinvenções e apropriações. O curso será dividido em 5 partes:

Divisão temática e bibliografia sugerida (*textos estarão disponíveis em pasta coletiva no Google Drive))

A) Deslocamentos e ressignificações: artes negras, olhar modernista

No primeiro encontro do minicurso abordaremos o olhar modernista e de que forma esse olhar, mesmo aparentemente valorizando a chamada “artes negras” ou “artes

primitivas” estava prenhe de racismo estrutural e como essa valorização significou, na verdade, um deslocamento do regime estético dessas artes.

Textos de apoio:

*EINSTEIN C. Negerplastik (escultura negra). (Org. MEFFRE, L.). Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

*MBEMBE, A. Crítica da razão negra. São Paulo: n-1 edições, pp. 256-257.

*RANCIÈRE, J. O inconsciente estético. São Paulo: Editora 34, 2009a.

*RANCIÈRE, J. A partilha do sensível. São Paulo: Editora 34, 2009b.

*SAID, E. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ZIELINSKY, M (org.). Fronteiras – arte, crítica e outros ensaios. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

B) O corpo comunitário: Fotografia versus Ifá

Em nosso segundo encontro abordaremos a questão das máquinas mercantes contra o corpo comunitário. A fotografia do colonizador versus a Bandeja de Ifá. Enquanto a fotografia institui mundos matemáticos, geométricos e enclausurados nas linhas da perspectiva óptica renascentista, a Bandeja de Ifá constitui uma metáfora do artista visionário e vidente, isto é, aquele que não vê o mundo “como ele é”, mas “como ele poderia ser”. Nesse sentido, a busca das vanguardas que desde Rimbaud clama por homens videntes se encontra com a cosmovisão iorubá do mundo encantado e como uma promessa de redenção.

Textos de Apoio

ABIODUN, R. Yoruba Art and Language: Seeking the African in African Art. Cambridge: Cambridge Press, 2014.

ANTONACCI, M. A. Memórias ancoradas em corpos negros. São Paulo: Educ, 2013.

BALOGUN, O. “Forma e expressão nas artes africanas”. In: SOW, A. et al. Introdução à cultura Africana. Luanda, Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1977.

DERRIDA, J. Gramatologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

*DERRIDA, J. Pensar em não ver – escritos sobre as artes do visível (1979-2004). Santa Catarina: UFSC, 2012.

DIDI-HUBERMAN, G. Lo que vemos, lo que nos mira. Buenos Aires: Manantial, 2004.

ROUILLÉ, A. A fotografia: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Editora Senac, 2009.

C) Fundamentos da estética iorubá: as esculturas de Olowe de Ise

No terceiro encontro do minicurso abordaremos o trabalho escultural do mestre Olowe de Ise, um grande escultor, que expressa em suas obras os fundamentos da estética iorubá. Faremos uma análise de uma de suas principais obras: o cavaleiro, que apresenta em uma só visão, Xangô, como um raio, sendo transportado nas costas da tempestade, Oyá.

Textos de apoio:

ABIODUN, R. Yoruba Art and Language: Seeking the African in African Art. Cambridge: Cambridge Press, 2014.

ABIODUN, R. African aesthetics. Journal of Aesthetic Education. Vol. 35, n. 4, 2001.

WILLETT, F. Arte Africana. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

D) Reinvenções: o retorno de Caliban

No quarto encontro abordaremos como é praticamente impossível reclamar uma arte puramente africana, sendo que visões extremamente românticas do continente acabam reproduzindo o racismo estrutural presente no olhar modernista do começo do século XX. E, como a estética iorubá, para ficarmos nesse estudo específico, contém em si mesma a valorização do acolhimento estrangeiro, hibridização e reinvenção.

Textos de apoio:

*MBEMBE, A. Crítica da razão negra. São Paulo: n-1 edições, pp. 256-257.

*RANCIÈRE, J. O inconsciente estético. São Paulo: Editora 34, 2009a.

*RANCIÈRE, J. A partilha do sensível. São Paulo: Editora 34, 2009b.

*SAID, E. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

*ZIELINSKY, M (org.). Fronteiras – arte, crítica e outros ensaios. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

E) Conexões atlânticas: o caso específico de Agnaldo Manoel dos Santos.

No quinto e último encontro do nosso minicurso abordaremos especificamente a arte afrobrasileira e suas conexões com as linguagens religiosas e escultóricas africanas. Nesse caso, debruçaremos nos sobre o trabalho de Agnaldo Manoel dos Santos. Suas esculturas apresentam soluções plásticas que José Mariano Carneiro da Cunha chamou de “eruditas”, mas, ao mesmo tempo, suas formas lembram as ancestrais formas da tradição escultórica iorubá.

Textos de apoio

*VALLADARES, C. P. Agnaldo Manoel dos Santos: origem e revelação de um escultor primitivo. Afro-Ásia, n. 14, p. 22-39, 1983, p. 26.

CONDURU, R. “Beleza negra: entre o museu, o terreiro e o Mercado”. IN: BITTENCOURT, J. N.; BENCHETRIT S. F.; Tostes V. L. B. História representada: o dilema dos museus. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. Pp. 173-182.

*CONDURU, R. Uma crítica sem plumas – A propósito de Negerplastik de Carl Einstein. In Concinnitas, ano 9, volume 1, número 12, julho 2008.

*CONDURU, R. Arte Afro-Brasileira. Belo Horizonte: C/Arte, 2007

Sobre o Professor

[Rafael Gonzaga](#) é escritor, professor e historiador com mestrado e doutorado sobre as cosmogonias e arte africanas e a concepção de África imaginada pelas vanguardas europeias. Professor do ensino básico, encontrou uma interlocução muito sensível com crianças e adolescentes, apostando nesses jovens leitores a construção de novos conhecimentos sobre as Áfricas. Além disso, fez parte do Coletivo Afreaka, que tem um importante papel de divulgação da cultura africana. Atualmente trabalha com curadoria e produções audiovisuais.

